



THRIVE

DEFY THE RAVAGED BOOK TWO

E.M. RAEGAN



Olá caro leitor...

Como vocês sabem, nosso trabalho é feito de forma gratuita, e por ser feito apenas pelo prazer a leitura, saibam que pode conter erros...

Pedimos que NÃO seja compartilhado, pois são de leitura individual, é estritamente PROIBIDO a divulgação nas redes sociais, como: Tik tok, Kwai, Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Docero entre outros....

FLORESCER

Os dias estão se confundindo. Não consigo manter os olhos abertos à noite. O terror nos segue onde quer que vamos. Nenhum lugar é seguro. Está se espalhando. Prosperando. Não podemos fugir disso. Tudo o que podemos fazer é nos esconder e rezar para que isso passe por nós. Mas isso é uma ilusão. Os devastados nos encontrarão e não há nada que possamos fazer para detê-los. Eles estão em toda parte.

Eu não o vi. Eu não falei com ele. Mas eu sei que ele está lá. Eu sei que ele estará lá se eu precisar dele.

Não demora muito para que eu faça isso.

Meu nome é Willow.

O nome dele é Jason.

Eu o odeio – ou costumava odiar. Agora eu só preciso dele. Quero ele. Saudades dele. Os devastados estão chegando. Eles sempre estão, e ele está sempre lá para ficar entre eles e eu.

Mas os Devastados não são os únicos perigos que espreitam em cada esquina. Há algo mais sinistro me perseguindo. E quando me encontrar, estou sozinha.

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

Para minha irmã, D, cujo amor por zumbis e romance pode superar o meu. E quem ouviu esse sonho maluco que tive há dois anos e me disse para escrever a história dele.

CAPÍTULO UM

Eu girei uma folha de grama entre meus dedos enquanto estávamos sentados na beira da estrada. Carros alinhavam-se na estrada até onde a vista alcançava. As pessoas abandonaram seus carros e estavam andando. Mas não nós. Aqueles de nós que estavam desarmados estavam sentados enquanto os membros do clube nos cercavam, com as costas retas, os olhos percorrendo a multidão crescente.

Estávamos a algumas centenas de metros da estrada e subíamos uma colina, mas eu ainda estava nervosa. Se alguém fosse mordido aqui, estaríamos fritos. Se apenas uma pessoa fosse infectada num grupo tão grande, seria pior do que a parada de caminhões na noite passada.

Mas não sabíamos mais o que fazer. Não sabíamos para onde ir. Paulie nos instruiu a deixar nossos carros quando algumas pessoas desesperadas começaram a espremer seus carros entre as pistas, empurrando-as. Não queríamos ser apanhados dentro dos carros se tivéssemos que correr.

Eu não entendia por que estávamos esperando. Devíamos ter saído a pé há muito tempo. Já estávamos sentados aqui há horas. Depois que o trânsito parou e percebemos que não estávamos nos aproximando da zona segura, Paulie disse a Ren e alguns outros para pegarem algumas motos e irem na frente para ver o que estava acontecendo - mas quão longe? A que distância ficava a zona segura? Eles poderiam ficar fora por mais horas.

Paulie e Jay tentaram manter nosso grande grupo unido, mas foi difícil – muitas pessoas tinham uma opinião sobre o que deveríamos fazer. Ficar ou ir? E as centenas de pessoas correndo a pé pela estrada deixaram nossos nervos à flor da pele. Na minha opinião, não foi inteligente esperar aqui.

Olhei para Jay. Ele estava discutindo com Paulie e apontando para a floresta atrás de nós, mas o homem mais velho apenas balançou a cabeça.

Blue deu uma risadinha e olhei para ele e Jan. Jan tinha uma filha de um ano, Marcy, e ela e Blue estavam brincando enquanto esperávamos. Estiquei os braços, gemendo. Foi bom que Blue tivesse relaxado o suficiente para brincar com o outro bebê e sua mãe – meus braços estavam com câibras por segurá-lo por tanto tempo.

Wiley, seu marido - outro membro do The Matron's Watchmen - ficou onde eles estavam brincando no chão e monitorou o tráfego colina abaixo. Ele estava tenso e eu sabia que, se alguma coisa acontecesse, ele levantaria a esposa e os bebês e estaria pronto para correr num piscar de olhos. Mas eu ainda sentei perto, observando.

Blue não era meu bebê, mas me senti responsável por ele desde que encontramos Fin. Ele viajava com o bebê desde que estavam em Maryland. Mas eu assumi o comando há duas noites.

Olhei colina abaixo para o carro cinza estacionado na segunda faixa. Eu não conseguia ver através das janelas escuras, mas poderia jurar que senti seus olhos em mim lá do alto da colina. Eu sufoquei um tremor. Fin foi proibido de chegar perto de Blue e de mim, na verdade, ele foi proibido de chegar perto do clube e do nosso grupo. Mas os punhos de Jay não devem ter sido convincentes o suficiente, porque ele estava nos seguindo desde ontem à noite.

Havia algo nele que enfiou facas em meu estômago. Me encurralar em um banheiro e me apalpar definitivamente provou que meus instintos sobre ele estavam certos. Eu não o queria perto de mim, e especialmente Blue. O bebê chorava incontrolavelmente quando estava perto de Fin, e me matava não saber que tipo de homem ele tinha que ser para fazer uma criança de dois anos temê-lo tanto – as coisas que ele deve ter feito com o bebê para conseguir esse tipo de reação.

Engoli em seco, passando pela espessura da minha garganta e desviei o olhar, de volta para Jay. Ele não tinha ido muito longe de mim desde que abandonamos os carros, mas ele não tinha olhado para mim também. Ele não tinha falado comigo. Não desde esta manhã. Não desde que ele me tocou. Me beijou.

Jay enrijeceu e balançou a cabeça com raiva para o tio. Paulie cortou o ar com a mão. Jay se virou e saiu furioso.

Observei Paulie enquanto ele esfregava o rosto com força. As coisas pareciam piorar entre eles também desde o nosso beijo. Paulie nos pegando parecia ter piorado as coisas entre eles. A culpa me consumiu, mas eu não entendia o porquê. Jay me beijou.

"É rude ficar olhando, Willoweed."

Eu enrijecei e olhei por cima do ombro para Dahlia. Ela estava deitada na grama, a saia cigana dobrada sobre as coxas, mostrando os joelhos nodosos, e as mãos abertas acima da cabeça. Eu não conseguia ver seus olhos por baixo dos enormes óculos de sol amarelos em seu rosto, mas senti seu olhar fixo.

"Volte para o seu banho de sol." Revirei os olhos e olhei para a trança de grama que estava fazendo há uma hora. Dália bufou. Somente Dahlia tentaria pegar um bronzeado quando poderíamos ser atacados por zumbis a qualquer momento – quando poderíamos ser levados para o inferno por uma explosão nuclear a qualquer momento.

Soltei um suspiro e procurei por Billy. Nas últimas horas, ele ajudou os sócios do clube a separar os suprimentos e embalá-los em sacolas que poderiam ser carregadas ou amarradas em uma motocicleta.

Eu não sabia qual era o plano, mas estava começando a fazer minha pele coçar. Eu me senti muito vulnerável, sentada ao ar livre. O sol iria se pôr em breve e sair à noite me assustava ainda mais.

Quanto tempo ficaríamos sentados aqui? Será que um mordedor devastado teria que nos atacar para que o grupo decidisse se mover?

Um tapinha no meu ombro me assustou e me virei. Lacy passou os braços em volta dos meus ombros e olhou para a trança no meu colo. Lacy era filha de oito anos de Goon. Ela não tinha mãe – desde que nasceu – então ela ficou andando pelo grupo a tarde toda enquanto seu pai observava o grupo e fazia planos com os outros.

Ficar sentada aqui tinha feito pelo menos uma coisa boa. Sem mais nada para fazer, aprendi alguns nomes do grupo – pelo menos aqueles que estavam dispostos a me dizer. Ainda não fui exatamente recebida de braços abertos, mas a animosidade a que estava acostumado nos últimos três anos estava visivelmente ausente hoje.

Sorri para a menina e a guiei para sentar no meu colo. "Quer tentar?"

Ela assentiu e sorriu timidamente. Olly, o cachorro de Jay, cheirou os dedos ao nosso lado enquanto eu mostrava a ela como fazer a trança de grama, e ela rapidamente assumiu o

controle. Seus cachos ruivos estavam uma bagunça emaranhada, então, enquanto ela trançava a grama, penteei seu cabelo com os dedos e fiz uma longa trança nas costas.

Foi onde o pai dela e Jay nos encontraram. "Lace, querida, o que você aprendeu?"

Lacy ergueu sua longa trança de grama e sorriu para o pai. Goon sorriu de volta e se agachou na frente dela. Ele era um homem grande, alto e largo, mas em boa forma. Seu cabelo escuro estava preso em um coque na nuca. Óculos escuros cobriam seus olhos, mas senti que eles me examinavam. "Obrigado por observá-la."

"Sem problemas," eu disse e rapidamente amarrei a ponta do cabelo dela. Ela girou e me entregou a trança. "Uau." Sorri largamente e enrolei-o no topo de sua cabeça, amarrando-o em uma coroa. "Lindo."

Ela me abraçou e pulou nos braços do pai. "Tchau, Willow."

"Tchau querida." Acenei como ela fez por cima do ombro do pai.

Quando eles se foram, mordi o lábio e olhei para o homem que me encarava. Jay não desviou o olhar e me perguntei por que ele estava me procurando agora. "O que?"

Ele tinha uma expressão estranha no rosto. Ele balançou a cabeça e se agachou na minha frente. "Estamos saindo em breve."

"Ren está de volta?" Eu olhei em volta. Eu não o tinha visto voltar.

Jay balançou a cabeça novamente e semicerrou os olhos para o sol. "Não, ele já deveria ter feito isso e não está atendendo o telefone via satélite."

"Ainda está funcionando?" Os telefones celulares não funcionavam – pelo menos não deste lado da zona segura.

"Por enquanto," Jay suspirou e olhou para mim.

"Você está preocupado com ele." Cerrei os dedos em punhos para não alcançá-lo.

"Sim," ele disse ríspidamente. "Vai escurecer em breve. Temos que nos mudar. Mal posso esperar por ele."

Eu balancei a cabeça. "Ele sabe onde nos encontrar?"

"Sim, vamos começar a andar por ali. "

"Por que?" Eu não queria andar na estrada à noite – não perto de pessoas. Eu não queria sair à noite de jeito nenhum. Mas para onde mais poderíamos ir?

"Paulie quer ver se eles estão deixando as pessoas entrarem a pé."

A zona segura supostamente ficava a alguns quilômetros da estrada. Havia uma espécie de barricada militar, mas o trânsito não andava há horas.

"Você não concorda com ele?" Eu perguntei hesitante. Eu estava observando eles discutirem e Jay parecia nervoso.

Jay balançou a cabeça novamente, mas não disse mais nada.

Olhei em volta desconfortavelmente. Ele estava apenas me observando. Era estranho ter a atenção dele quando ele passou o dia todo me evitando. Jay era um cara quieto, mas eu o vi conversando e brincando com o clube. Ele não era assim comigo. Não antes de ontem à noite.

Ele estendeu as mãos sobre as coxas grossas, chamando minha atenção. "Eu quero você na minha motocicleta."

"Eu tenho Blue", murmurei para suas botas, ignorando a pequena emoção que senti ao pensar em voltar para sua motocicleta. Segurando-o.

"Iremos devagar. Ele ficará bem entre nós."

Olhei para o rosto dele. Isso foi inteligente? "Não sei." Qual foi a decisão certa aqui? Eu não era a mãe de Blue. Mas ele não tinha mãe e eu odiava pensar no que poderia ter acontecido com ela. Ou seu pai. Fin disse que encontrou Blue sozinho em uma casa, chorando. Mas ele poderia estar mentindo. Talvez os pais de Blue estivessem procurando por ele. Sua mãe o colocaria em uma motocicleta? Eu não sabia – eu estava tão longe de ser mãe. Mas provavelmente seria mais seguro do que tê-lo em meus braços enquanto caminhávamos. Qualquer coisa poderia acontecer conosco no escuro.

"Dahlia precisa ir com alguém. Ela não pode andar muito."

Dahlia disse algo vil atrás de mim e eu olhei para ela. Ela rolou de bruços, me ignorando. Jay riu.

"Ela está viajando com Monty."

Dahlia sentou-se com isso. Ela ergueu os óculos escuros até os cabelos prateados e sorriu para Jay.

"E quanto a Olly?" Passei meus dedos pelo cachorro ao meu lado e ele lambeu meu cotovelo

"Ele vai me seguir", foi tudo o que Jay disse. O cachorro gemeu e rolou de costas, expondo a barriga. Eu o arranhei obedientemente.

"E os outros cachorros?"

O clube tinha outros três cães além de Olly. Eles estavam viajando na carroceria de uma caminhonete, mas se não pudéssemos levar nada além de uma motocicleta, eles teriam que caminhar com o resto do grupo. Simplesmente não havia motos suficientes para todos. A maioria dos membros tinha motocicletas e suas esposas ou filhos podiam viajar com eles. Mas também havia irmãos, pais, mães, irmãs e filhos. Alguns membros tinham mais de uma pessoa para cuidar. Muitos de nós estaríamos andando.

"Eles seguirão o grupo. Filhos e esposas estarão de motos."

Eu olhei em volta. Dahlia era a mais velha do nosso grupo, mas também havia algumas pessoas mais velhas que precisavam de uma carona mais do que eu – uma pessoa mais jovem e mais fisicamente apta.

"Low," Jay me chamou suavemente. Olhei para ele. Seus olhos estavam duros. Sua boca é uma linha fina e imóvel. "Você vai comigo."

Eu bufei quando ele se levantou e foi embora. Billy tomou seu lugar. Ele se jogou no chão ao meu lado e gemeu.

"Você está bem?" Perguntei.

Ele gemeu novamente e se espreguiçou. "Sim, iremos embora em breve."

"Isso foi o que Jay disse."

Billy olhou para mim e depois para as costas de Jay se afastando. "Você está com ele."

"Ele disse isso também," eu resmunguei.

Billy balançou a cabeça. "Não discuta, Will. Prefiro que você cavalgue do que ande."

Olhei para baixo e comecei a puxar mais grama.

"Ei." Billy passou o braço sobre meus ombros. "Você está bem?"

"Não sei", eu disse. Olhei de volta para Jay. Ele estava conversando com alguns outros membros que amarravam mochilas em suas motos. Alguns viajantes chegaram muito perto das motos estacionadas e os rapazes ficaram rígidos, olhando para eles até passarem.

"Você quer que eu diga a ele para recuar?" Billy perguntou, rispidamente. Deixei cair minha cabeça em seu ombro. Ele faria isso. Ele confrontaria Jay se eu pedisse. Ele era assim desde que o conheci. Eu era sua irmã não oficial. O no momento em que Dahlia me reivindicou, seu neto também o fez. Eu os reivindiquei de volta.

"Não." Eu balancei minha cabeça. Um confronto entre os dois era a última coisa que precisávamos agora. Eu não sabia quem sairia na frente depois daquela luta. Billy era um cara grande e um lutador amador que passou algum tempo na prisão - uma consequência de salvar uma mulher de seu marido abusivo - mas Jay era um fuzileiro naval e se comportava de uma forma que gritava *não brinque comigo*. Sem mencionar que havia quase vinte irmãos de seu clube aqui que dariam uma surra em Billy por olhar para ele de forma errada.

E eu... eu não queria que Billy avisasse Jay.

"Basta dizer a palavra," Billy rosnou ameaçadoramente.

"Deixe o menino em paz, filho," Dahlia gritou atrás de nós. "Ele só quer um pouco de Willoweed."

"Vovó," Billy avisou. Eu gemi e me sentei, olhando para ela novamente.

"Não há vergonha em querer, querido. Eu também quero um garoto mau." Dahlia sorriu e piscou para Monty quando ele passou por nós. O homem mais velho riu e continuou andando. Dahlia tinha quase o dobro da idade dele, oitenta e dois anos, mas isso não a impediu. "Não há nada de errado com um pouco de alívio do estresse em tempos como estes."

Billy corou e olhou para ela. Ele se levantou e a ajudou a se levantar. "Eu não preciso ouvir sobre essa merda."

Dahlia soltou uma risada e cambaleou, apoiando-se rapidamente em sua bengala. Billy olhou para as pernas dela, preocupado. Dahlia era uma força a ser reconhecida, mas isso tornava fácil esquecer a sua idade. Não poderia ser bom para ela viajar tanto. Ela precisava de mais descanso, mas isso não era possível agora.

Um apito ecoou no ar e nos voltamos para Paulie. Ele acenou para o nosso grupo. "Estamos nos mudando!"

Como um só, o grupo desceu a colina até a estrada abaixo. Wiley me entregou Blue e eu o coloquei no quadril. Blue agarrou meu cabelo enquanto eu descia a colina com cuidado, com Olly ao meu lado. Billy ajudou Dahlia e Jay me encontrou no meio do caminho, agarrando meu cotovelo e me guiando pela colina íngreme.

"E quanto aos outros?" Uma mulher – Elena, eu acreditava que era o nome dela – perguntou do meu lado. Achei que o irmão dela poderia estar explorando com Ren.

Paulie cerrou a mandíbula. "Mal podemos esperar por eles. Logo vai escurecer e precisamos chegar o mais perto possível da zona segura."

Um murmúrio frenético percorreu o grupo.

Paulie ergueu as mãos. "Tenho certeza de que eles estão bem, mas vamos nessa direção. Se estiverem voltando, nos verão. Caso contrário, descobriremos o que os está impedindo." Paulie olhou para cada um de nós. "Vamos formar pares nas motos. Crianças primeiro. O resto irá caminhar." Outro murmúrio ansioso. "Você receberá um membro. Você fica com eles na estrada. Estamos indo devagar. Ninguém se afasta." Eu olhei em volta. Éramos um grupo grande – pelo menos quinze pessoas caminhariam. Os sussurros ansiosos ficaram mais altos e Paulie assobiou novamente. "Isso é o que está acontecendo. Precisamos ir."

Várias pessoas correram para as motos, mas as crianças foram carregadas primeiro e depois as mulheres atrás delas, segurando as crianças menores como eu faria com Blue. Billy ajudou Dahlia a ficar atrás de Monty, e o tempo todo ela sorriu maliciosamente, fazendo um grande show ao se pendurar nas costas dele. O ombro de Monty tremeu enquanto ele ria baixinho, mas o rosto de Billy contraiu-se. Isso não a impediu de envolver Monty tanto quanto possível.

Fui até Jay enquanto ele se sentava, mas alguém pulou atrás dele e eu parei. Era Gia. Ela olhou para mim e eu recuei.

"Gia, o que você está fazendo?" Jay enrijeceu e olhou por cima do ombro.

"Rayna está com tio Paulie. Ele me disse para ir com você," ela cuspiu, ainda olhando para mim. Seu lindo rosto estava distorcido.

"Não. Você está viajando com Burman."

"Não, ele está com Carrie", ela disse entre dentes.

Jay olhou para a garota que subia atrás de Burman. Ela era jovem – talvez onze ou doze anos. Ela era uma garota magra, mas Burman era enorme, então não havia como outra pessoa se encaixar nele.

"Low tem Azul. Você pode caminhar ao nosso lado." Jay olhou para ela e acenou com a cabeça para ela descer.

— Jay — gritou Paulie. Jay olhou para frente e viu Paulie olhando para nós com Rayna nas costas. "Leve sua primo."

Jay suspirou e olhou para as mãos, cerrando a mandíbula. "Pegue Blue."

Eu automaticamente apertei o bebê com força. Não parecia certo entregá-lo a Gia. Ele não a conhecia. Gia estendeu as mãos e eu hesitei.

"Low." Olhei para Jay. "Ele vai ficar bem. Você precisa de suas mãos livres."

Olhei para Blue. Seus grandes olhos azuis estavam no meu rosto. Suspirei. Se algo acontecesse, seria melhor para ele estar com Jay. Ele seria capaz de afastar Blue rapidamente. Eu o entreguei.

Blue apertou brevemente seu aperto, mas me deixou entregá-lo quando viu Jay. Hesitei enquanto Gia o segurava no colo.

"Eu o peguei", disse Gia, surpreendentemente gentil. Olhei para o rosto dela. Ela rapidamente desviou o olhar e olhou para o bebê. Ele olhou para ela e ela sorriu um pouco.

Jay assobiou e Olly trotou até ele. "Fique com Low," ele ordenou. O cachorro olhou para ele solenemente e depois veio para o meu lado. Às vezes, eu me perguntava se o pit bull conseguia nos entender, ele era tão obediente. "Fica perto de mim."

Balancei a cabeça para Jay e Billy veio para o meu lado, agarrando minha mão.

Os motores das motos aceleraram e começamos a andar, seguindo ao lado da fila de motocicletas lentas.

"Você vai ficar bem?" Billy olhou para meu tornozelo enfaixado.

Eu flexionei. Ainda doía, mas não tanto quanto quando aquele homem pisou nela. Ainda era difícil para mim pensar no que havia acontecido naquele bairro algumas noites atrás. O que aconteceu com Alyssa.

Apenas o nome dela enviou uma pontada de dor no meu peito.

Balancei a cabeça e peguei Jay olhando para meu tornozelo com preocupação. Eu rapidamente coloquei de volta no lugar. Eu não queria expulsar uma criança da moto – isso seria

uma bagunça. Doía, mas eu conseguia andar. Eu sabia que Jay faria Gia sair se achasse que eu não conseguiria andar, e sabia que Paulie ficaria chateado.

Não precisava dar mais motivos para o presidente do clube me odiar.

"Estou bem." Olhei para frente, apertando sua mão.

CAPÍTULO DOIS

Eu não estava bem.

Duas horas depois, eu estava mancando.

Estava tão escuro que mal conseguia distinguir o que estava à minha frente. A única razão pela qual não caí de cara no chão foi porque as luzes da moto iluminaram nosso caminho e Billy não soltou minha mão.

Eu sabia que ele estava chateado com o quão rígido ele estava. Ou ele estava bravo ou estava tão apavorado quanto eu. Billy tinha uma arma na outra mão e seus olhos vasculhavam a escuridão com tanta urgência que diminuímos a velocidade. Procurando o perigo real que pode estar à espreita no escuro.

Goon e Lacey estavam agora ao nosso lado, mas nosso outro lado estava aberto para a escuridão. Tivemos que andar na grama porque a estrada estava tão lotada que não havia um centímetro de espaço no acostamento.

Ainda não havia sinal de Ren ou dos outros – e estávamos procurando. Eu não queria pensar no que poderia tê-los impedido. Estávamos indo para onde eles tinham ido, e o fato de eles não voltarem há tanto tempo era extremamente preocupante. Mas mesmo assim seguimos em frente, sem parar por nada.

Assim que o sol se pôs, pudemos ver um brilho fraco à distância. Havia luzes à frente, mas eu não sabia se eram de carros ou de alguma outra coisa – como uma barricada ou algo assim.

Meus nervos estavam à flor da pele e não ajudava o fato de não estarmos sozinhos. Quanto mais caminhávamos, mais e mais pessoas se aglomeravam ao nosso redor. As pessoas entravam e saíam dos carros, algumas caminhando, outras correndo. O pânico em seus rostos e em seus movimentos era palpável.

Isso já era bastante assustador, mas o fato de eu não saber se Fin estava logo atrás de nós deixou minhas costas retas. Eu estava prevendo um ataque a qualquer momento – fosse de Fin, de um mordedor ou de uma pessoa desesperada. Eu só queria sair da estrada e encontrar um lugar para me esconder.

Jay estava nos chamando para alcançá-los, mas estava muito lotado e agora as pessoas nos cercavam por todos os lados. Eu nem sabia mais se as pessoas ao nosso redor eram membros do nosso grupo. Estava muito escuro para dizer. Não consegui reconhecer um único rosto.

Chegamos a uma colina e Billy tentou me fazer subir em suas costas quando comecei a tropeçar. Mas eu o afastei. Ele precisava de mãos livres.

No topo do outro lado da colina, o brilho tornou-se uma luz branca e brilhante e eu estremei. Alguém me empurrou por trás e Billy rosou. A pessoa avançou, passou por mim, e então fui empurrada por todos os lados.

Eu não sabia como isso aconteceu, mas num minuto estávamos ao lado de Goon e dos outros membros do nosso grupo, e no minuto seguinte Billy e eu estávamos completamente engolidos por uma multidão de pessoas.

"Não consigo vê-los", gritei acima da conversa alta. "Você pode?"

"Não", Billy gritou de volta. "Vovó!"

As pessoas estavam me martelando de todos os lados, e tive que dar-lhes uma cotovelada para que Billy e eu não nos separássemos. De onde vieram todas essas pessoas? Eles eram todos da estrada? Não parecia que havia tantos antes.

Alguém estava gritando no alto-falante, mas soou apenas como um grito estridente. Eu não sabia de onde vinha e o pânico só piorou com o barulho insuportável. Cobri uma orelha com a mão livre e Billy me puxou para ele, ficando atrás de mim com o braço em volta da minha cintura. Ele usou o outro braço para nos empurrar no meio da multidão, mas não adiantou – estávamos amontoados como sardinhas.

Minha respiração acelerou junto com meu batimento cardíaco. Isto foi muito, muito péssima ideia. Levei uma cotovelada no rosto – meu nariz torceu e Billy curvou os ombros em volta de mim. Houve mais gritos vindos de um alto-falante e a multidão pareceu avançar. Alguém me chutou no tornozelo e eu gritei.

Billy me pegou e usou o ombro para empurrar. Fiz o melhor que pude para ajudar com as mãos, mas foi impossível. A multidão estava muito frenética, muito aterrorizada.

Um gemido alto chamou minha atenção e eu engasguei com a respiração seguinte. Balançando a cabeça, procurei por Olly, mas não consegui vê-lo. "Olly!"

"O que?" Billy gritou em meu ouvido.

"Olly!"

Billy praguejou e olhou para trás. Houve outro gemido e depois um rosnado alto. Empurrei Billy e ele baixou meus pés. Nós nos viramos. Chamei Olly várias vezes e comecei a abrir caminho no meio da multidão por onde viemos.

As pessoas gritavam comigo enquanto eu me contorcía e abria caminho, mas eu as ignorei e procurei freneticamente no chão.

Encontrei-o rosnando e atacando a perna de um homem. O homem estava gritando e chutando-o com o outro pé. Eu cutuquei o homem no peito e ele me empurrou de volta. Tropecei e Olly bateu a cabeça nas minhas pernas. Eu me virei e caí no chão, raspando minhas mãos para o inferno.

Eu gritei e Olly lambeu meu rosto. Alguém pisou na minha mão e eu gritei. Então Billy estava lá, me levantando e gritando com as pessoas ao nosso redor. Olly rosnou para outro homem, e Billy se abaixou e o pegou no colo. Agarrei a cintura de Billy enquanto ele abria caminho no meio da multidão.

Um tiro disparou no ar – um tiro – e a multidão gritou. Fui empurrado para Billy, mas ele continuou se movendo. Ele estendeu a mão e envolveu meu pulso com o punho. Eu podia ver Olly por cima do ombro, rosnando e rosnando para as pessoas ao nosso redor. O cachorro não estava facilitando para Billy segurá-lo com um braço, mas Billy não o deixou ir – nem a mim.

Houve outro tiro e fui agredida novamente por pessoas desesperadas. Estremeci quando alguém puxou meu cabelo. Billy de repente avançou e me arrastou atrás dele.

De repente, havia uma luz brilhante no meu rosto, então enterrei-a no peito de Billy. Ele se virou e me empurrou na frente dele, e eu tropecei para frente. Outro tiro, tão perto que minhas mãos foram até minha cabeça, fez Billy me segurar enquanto eu instintivamente tentava cair de joelhos.

"Eu não estou mordido! Eu não estou mordido!" alguém gritou de algum lugar à minha frente.

Olhei para cima e levei um minuto para meus olhos focarem nas luzes brilhantes. Olhei para frente e vi uma fileira de militares armados. Eles estavam empurrando as pessoas para trás enquanto homens e mulheres de uniforme agarravam pessoas na multidão. Olhei para a minha esquerda e vi o homem que estava gritando. Uma mulher de uniforme balançou a cabeça e empurrou o homem.

"Eu não estou mordido!" ele gritou, com o rosto vermelho e encharcado de suor.

Um militar apontou uma arma para o rosto do homem. "Cópia de segurança!"

Billy me derrubou para a direita e eu vi Paulie. Ele estava parado atrás de um portão alto – uma boa altura acima das pessoas ao seu redor – conversando com dois militares. Ele apontou para nós e Billy me empurrou com mais força. Tropecei para frente e um homem camuflado agarrou meu braço, me puxando no meio da multidão. Segurei a mão de Billy e tropecei no portão. Fui sacudida novamente e minha bochecha arranhou o metal do portão. O homem me puxou com mais força, e então um homem de uniforme me agarrou, me girando. Minha camisa estava rasgada até as costas e mãos enluvadas percorriam minha pele. Então, ele me girou e inspecionou minha barriga, peito, braços e ombros. Billy arrancou as mãos do homem de mim quando ele foi pegar meu jeans.

"Deixe-os olhar!" Paulie gritou a alguns metros de distância, além do portão.

"Entendi," Billy rosnou e me ajudou a abaixar as calças. Minhas bochechas queimaram quando o homem me inspecionou, mas ele não me agarrou de forma inadequada. Minhas calças estavam de volta antes que o constrangimento pudesse ser totalmente absorvido. Billy deixou o homem examinar ele e Olly enquanto outra mulher limpava com algodão em meu braço e me furava com uma agulha. Eu gritei da força. Ela puxou uma seringa cheia de sangue e inseriu-a em uma pequena máquina.

Uma arma estava enfiada em meu peito e eu tropecei para trás. Billy praguejou e me puxou para trás enquanto a mulher observava a máquina. Acendeu-se em verde e então o militar me puxou para frente e passou pelo portão alto. Eu me virei e observei Billy ser furado com uma agulha, prendendo a respiração até que a máquina acendesse em verde. Olly rosnou enquanto o furavam, e então ele e Billy estavam ao meu lado novamente. Havia outro portão na frente de Paulie, e dois homens nos empurraram em direção a ele, arrancando minha mochila das costas.

Billy praguejou e eu me virei. Sua arma foi tirada dele e ele foi empurrado pelo outro portão, em direção a Paulie. Ele gritou meu nome e me virei para ver um homem despejando o conteúdo da minha mochila no chão. Ele mexeu nela e depois me jogou a mochila. "Você está bem."

Ajoelhei-me e empurrei tudo de volta enquanto outra mulher era empurrada para frente. Ela segurou sua bolsa, mas o homem a empurrou, arrancando-a dela. Levantei-me e uma mão nas minhas costas empurrou-me bruscamente em direção ao portão. Ela se abriu e Billy me puxou.

Minhas mãos tremiam quando ele me puxou para seus braços. Paulie acenou para que avançássemos e cambaleamos para alcançá-lo.

Olly correu ao nosso lado e Billy me levantou nos braços enquanto eu tropecei no tornozelo machucado. A estrada que passava pelo portão estava significativamente menos movimentada, mas havia veículos militares por toda parte. As pessoas estavam sendo carregadas nas costas de alguns deles como homens armados apontados para a escuridão que nos rodeava.

"Subam." Paulie apontou para um caminhonete com um grupo de pessoas. Ele se virou e subiu na moto depois de dar um tapinha no braço de um soldado. O soldado assentiu e levantou a mão, indicando que a caminhonete estava cheia. A caminhonete fez barulho quando Billy e eu nos sentamos em um banco. Olly deu um pulo e sentou-se aos meus pés e o caminhonete acelerou pela estrada.

"Onde estão todos os outros?" Chamei Billy por cima do vento.

Ele balançou a cabeça, seu rosto sombrio.

Paulie seguiu a caminhonete e olhei além dele para a barricada iluminada. Agora que estávamos do outro lado, pude ver o mar de pessoas tentando abrir caminho através dos portões. Eu não conseguia acreditar que havíamos passado por todos eles. Havia dezenas e dezenas de soldados nas altas cercas que passavam pelos dois lados da estrada.

Mas Paulie estava sozinho. De alguma forma, ele nos avistou no meio da multidão e instruiu os soldados a nos agarrar. Eu não sabia como ele poderia tê-los persuadido a fazer isso e, honestamente, não conseguia acreditar que ele se importasse. Mas ele *esperou* por nós. Não havia mais ninguém do nosso grupo, e eu esperava e rezava para que fosse porque todos os outros haviam conseguido passar.

Dirigimos um pouco e eu tremi durante todo o caminho. Finalmente paramos no lado de uma estrada fora de um prédio de escritórios alto. Os soldados nos tiraram da caminhonete e aceleraram na direção oposta enquanto novos soldados nos encurralavam para dentro do prédio. Entramos em um enorme saguão e tudo que vi foram centenas de pessoas circulando – tanto soldados quanto civis.

Seguimos Paulie no meio da multidão. Ele olhou em volta ansiosamente e então pareceu disparar para o lado. Billy me puxou atrás dele, e então lá estavam eles – pelo menos *alguns* deles.

Dahlia gritou e acenou para nós. Billy estremeceu ao meu lado e correu para ela. Eu manquei atrás dele. Mãos me agarraram por trás e eu gritei. Fui girada e empurrada contra um peito grosso. Jay colocou o rosto em meu pescoço e me apertou com força. Ele praguejou e se afastou, agarrando meu queixo.

Ele cutucou meu nariz e eu estremei. "O que aconteceu?" Seus dedos saíram molhados de sangue.

Eu nem tinha percebido que estava sangrando. Balancei a cabeça e tremi.

"Low?" Olhei para cima e as lágrimas que estavam se acumulando caíram pelo meu rosto. "Ei, princesa, nada disso." Ele limpou os polegares sob meus olhos. "Você está bem." Ele me puxou de volta para seu peito enquanto eu chorava. Minhas costas estremeeceram e minhas mãos se torceram em sua camisa. Ele se afastou novamente e me agarrou pelos lados da cabeça. Ele se inclinou e beijou meus lábios molhados. "Você está bem." Ele beijou meus olhos. "Você está bem." Ele beijou minhas bochechas e depois meus lábios novamente, sussurrando que *você está bem* repetidamente. Deixei escapar um soluço e ele me levantou contra seu peito, me levando até o grupo.

"O que aconteceu?" ele perguntou enquanto eu enterrava meu rosto em seu pescoço.

"Eu não sei," Billy rosnou. "Fomos apanhados pela multidão."

"Todos nós fizemos." Paulie suspirou.

— Ela está sangrando — Jay rosnou.

Mãos tiraram meu rosto do pescoço de Jay e Billy cutucou meu nariz. "Você está bem?"

Eu balancei a cabeça. Poderia ter sido muito pior. "Obrigada", eu disse a Paulie, minha voz embargada.

Paulie olhou por cima da minha cabeça para Jay. Então ele acenou para mim e caminhou até suas sobrinhas. Rayna estava sentada ao lado de Gia. Ambas estavam brincando com Blue. Eu queria agarrá-lo delas. Vê-lo, ileso, foi um grande alívio – tudo aconteceu tão rápido. Mas Jay me abraçou com força e eu não tinha pressa em deixar seus braços. Ver Blue rir das caretas bobas que Gia estava fazendo foi o suficiente por enquanto.

"Você conseguiu", disse uma voz atrás de nós, e Jay se virou.

"O que diabos aconteceu com você?" Jay rugiu.

Ren balançou a cabeça. "Eles nos empurraram e não nos deixaram voltar. Nós só queríamos perguntar o que diabos estava acontecendo, mas eles não disseram nada até passarmos pelo portão e então não nos deixaram voltar. Estou tentando ligar para você. Ren ergueu o telefone via satélite. "Está morto."

"Eles não deixariam você voltar?" Paulie perguntou, vindo ao nosso lado.

Ren balançou a cabeça novamente. "Muitas pessoas tentando passar por aquele portão. Eles estão se esforçando para acompanhar a multidão que chega, e suas ordens mudam com tanta frequência que eles estão apenas tentando eliminar o maior número possível. Estou surpreso que todos vocês tenham conseguido – pensei com certeza que vocês se separariam."

"Paulie mencionou alguns nomes e eles nos empurraram para frente." Monty sorriu. "Gritando com aqueles garotos, agindo como se ele ainda fosse um merda."

Paulie olhou feio para Monty e ele riu.

"Então, o que está acontecendo?" Goon veio com Burman.

Ren suspirou e olhou em volta. "Isto é temporário. Eles estão levando as pessoas mais longe a cada duas horas. Disse para esperar até que mais alguns ônibus voltassem. Deixamos nossas motos nos portões."

Ren tinha uma expressão tensa no rosto.

Monty deu um tapinha no ombro dele. "Conseguimos a nosso, embora Wiley tenha perdido a dele ao ser empurrado."

Paulie olhou de volta para o grupo. "Tenho que fazer uma contagem."

"Já fiz isso", Jay disse acima da minha cabeça. "Conseguimos todos."

"Maldito milagre," Burman murmurou.

— Quase não consegui — disse Jay, num silêncio mortal. Suas mãos se apertaram ao meu redor. Ele se virou e foi até uma mesa dobrável. Ele me sentou na mesa e deu um tapinha na minha coxa. "Espere aqui."

Suspirei enquanto ele se afastava, enxugando meu rosto. Olhei para cima e vi Paulie e Ren olhando para mim. Paulie ficou para nós. Eu me forcei a encarar seu olhar. Eu devia isso a ele, pelo menos.

Dahlia e Billy ficaram entre nós e então Dahlia me abraçou. "Eu estava tão preocupada."

"Eu também," murmurei em seu pescoço quente.

Ela fez um pequeno som e cutucou meu nariz. Eu estremei e chorei, me afastando dela. Não achei que estivesse quebrada, mas definitivamente doeu.

Jay voltou com uma garrafa de água e toalhas de papel. Ele grunhiu e Dahlia se afastou.

Dez minutos depois, meu nariz foi limpo e Jay inspecionou cada parte de mim. Minha mão era a pior – havia alguns arranhões, mas quem quer que tivesse pisado nela quebrou meus dedos. Depois havia meu tornozelo. Jay embrulhou-o novamente, fervendo o tempo todo.

Depois que ele terminou, ele me trouxe Blue. O bebê adormeceu em meus braços.

Esperamos duas horas pelos ônibus.

A exaustão pesava no rosto de todos. Estávamos cansados, com fome, irritados e assustados.

Enquanto saíamos noite adentro e entramos nos ônibus, vários outros caminhões pararam com pessoas no portão. Observei-os descarregar as pessoas e vi um rosto familiar na multidão – um rosto que me causou um arrepio na espinha.

Apertei os olhos pela janela do ônibus.

Fin piscou para mim.

CAPÍTULO TRÊS

Os ônibus tinham escolta de motocicleta.

Pessoas desconhecidas no ônibus ao nosso redor observavam The Matron's Watchmen do lado de fora das janelas com cautela enquanto viajavam ao lado dos três ônibus. Sentei-me ao lado de Dahlia, com Billy no banco do outro lado do corredor. Ren estava ao lado dele, olhando ao redor do ônibus como se isso o ofendesse pessoalmente.

Dirigimos por duas longas horas. Todas as áreas pelas quais passamos estavam completamente abandonadas. As lojas foram fechadas e tapadas com tábuas. As estradas foram totalmente desobstruídas, exceto pelos veículos militares que passavam por nós ou estacionavam.

Quando paramos, era fora de uma pequena universidade. Uma mulher olhou para Olly nervosamente enquanto ela descia do ônibus na nossa frente. Os outros cachorros estavam aos pés de Ren, e ele nos instruiu a esperar o ônibus esvaziar antes de nos mudarmos. Descendo do ônibus, olhei em volta para todas as pessoas circulando. Havia soldados – muitos deles – e pessoal médico. Mas também havia filas de pessoas – filas e filas de pessoas fora das tendas e dos caminhões.

Um soldado nos conduziu até uma tenda, onde ficamos em fila. Paulie estava à nossa frente e conversou com uma soldada com uma prancheta. Um por um, dissemos nossos nomes e de onde éramos. Eu não sabia para que servia. A lista de sobreviventes? Ou apenas uma maneira de acompanhar todos nós? Um crachá me foi entregue e eu o coloquei, um pouco atordoada.

Então, uma mulher estava parada na minha frente, olhando para Blue. "O nome dele?"

Eu hesitei.

"Carter," a resposta áspera de Jay veio atrás de mim.

Fiquei imóvel enquanto ela olhava para mim e depois para Blue. Não éramos nada parecidos. Eu, com meu cabelo loiro - quase branco - e olhos castanhos, não era nada parecido com o cabelo castanho macio e os olhos azuis brilhantes de Blue. Sua pele era muito mais escura do que a minha pele pálida. Ele parecia mais com Jay do que comigo. Ela olhou para Jay e a suspeita desapareceu de seu rosto.

Suspirei. Jay realmente poderia ter sido o pai de Blue. Ela assentiu enquanto escrevia "Carter" e depois "Howler", o sobrenome de Jay, em seu papel. Então ela passou por nós.

Esperei até que ela estivesse muito mais longe antes de me virar para encarar Jay. "Deveríamos ter feito isso?" Segurei Blue perto.

Jay procurou meu rosto.

"E se os pais dele estiverem procurando por ele?" E se tivéssemos apenas tentado encontrar o filho? Essa lista realmente poderia ser uma lista de sobreviventes. Mas nós o reivindicamos - se tivéssemos dito a eles que o encontramos, eles poderiam ter tido uma chance de encontrar seus pais. Se eles ainda estivessem vivos.

“Não sabemos o nome dele, Low. Blue teria ficado arrasado. Eles não pensarão duas vezes sobre um nome como Carter.” Nós dois olhamos para Blue enquanto ele brincava com meu cabelo. Ele provavelmente tinha cerca de dois anos de idade. Ele deveria ser capaz de falar um pouco na sua idade, pensei. Eu não sabia muito sobre crianças. Mas não eram possíveis respostas de uma ou duas palavras? Não o ouvimos dizer uma única palavra, mas isso pode ser devido ao que ele passou.

“Qual é o seu nome, garoto?” Eu perguntei suavemente. Blue olhou para mim, piscando seus grandes olhos. Ele poderia ter dois anos; ele poderia ter dezoito meses; ele poderia ter mais de dois anos - eu não tinha ideia de quantos anos ele tinha ou qual era seu nome.

Blue sorriu e avançou, abrindo um pouco a boca. Ele beijou minha bochecha molhada e riu.

“Eles vão levá-lo, Low”, Jay disse calmamente. Ele se aproximou tão de nós que pude sentir o calor saindo dele. “Eles vão pegá-lo e colocá-lo com uma um monte de outras crianças, e ele pode nunca ser reivindicado. Ele se perderá em um sistema que está um caos neste momento.”

Pisquei para afastar as lágrimas. “Mas e se eles estiverem procurando?”

Jay balançou a cabeça tristemente. “Não se esqueça de onde acabamos de vir.”

Eu não poderia esquecer. Foi morte, caos e terror. Eu sabia o que ele estava dizendo, no entanto. As chances de que seus pais o tivessem deixado sozinho em casa - ou em qualquer lugar - e ainda estivessem vivos e procurando por ele eram muito baixas.

“Por enquanto, ele é nosso. Nós o manteremos seguro.”

Eu olhei em volta. Ele estava certo. Eles o levariam. Eu sabia que eles fariam isso. Blue estava mais seguro conosco, e talvez um dia... talvez um dia tudo isso acabasse e poderíamos olhar. Poderíamos tentar descobrir o que aconteceu com seus pais.

Talvez fosse uma ilusão. Mas era melhor do que a alternativa – que talvez nunca tivéssemos a oportunidade. Que estávamos todos com tempo emprestado.

Blue riu novamente.

Ele estava mais seguro conosco. Com os Matron’s Wacthmen. Comigo.

Balancei a cabeça e abracei Blue com força.

Jay soltou um suspiro e me pegou pelo braço, me guiando.

Fomos transferidos para outra tenda, onde ficamos em outra longa fila. Jay e os outros estavam tensos e vigilantes. Estar perto de todas essas pessoas era uma tortura para eles.

As outras pessoas aqui devem ter sido escaneadas e perfuradas com agulhas como nós, mas como poderíamos saber o que realmente fez com que uma pessoa se transformasse em uma das devastadas? Uma mordida bastaria - já tínhamos visto isso. Mas o que começou tudo? Poderia estar no ar. Pode ser uma tosse, um espirro. Não tínhamos como saber se uma dessas pessoas estava prestes a se transformar.

Se um de nós estivesse prestes a se transformar.

Foi assustador.

Outro soldado nos conduziu para dentro da tenda, um de cada vez, e descobri que era uma tenda médica. Cada um de nós foi inspecionado mais minuciosamente do que no portão, ficando apenas de cueca atrás de uma pequena tela.

Quando chegou a minha vez, a mulher de uniforme me deixou segurar Blue e Jay nos seguiu atrás da tela. Um soldado foi detê-lo, mas um momento deles, silenciosamente palavra falada por Jay e o soldado recuou com uma carranca, as mãos no rifle.

A mulher olhou primeiro para Blue, enquanto eu o segurava. Então entreguei-o a Jay enquanto me despia, meu rosto queimando o tempo todo. A mulher me observou, junto com outros dois soldados, um mulher e outro homem. Ela passou as mãos enluvadas pela minha pele, até mesmo por baixo do sutiã e da calcinha. Cada um dos meus cortes e arranhões foram cuidadosamente inspecionados. Só então ela me deixou vestir.

Virei-me para ver a raiva acumulada no rosto de Jay e tirei Blue dele. Ele se despiu e tentei não olhar, mas foi impossível. Até a enfermeira teve dificuldade em se concentrar no trabalho enquanto olhava para ele. Ela corou e se atrapalhou enquanto passava as mãos pelo corpo fortemente tonificado dele.

Eu não poderia culpá-la. Jay era impressionante em pé, de cueca boxer. Sua barriga era cortada como aço e seu peito era tonificado, com uma pequena camada de pelos escuros. Suas coxas eram grossas e a protuberância entre as pernas era... olhei para cima. Jay estava me observando com um calor ardente nos olhos. Soltei um suspiro trêmulo e olhei para o chão.

Depois que ele se vestiu, todos nós tiramos mais sangue. Blue gritou o tempo todo. Cantei baixinho para ele, e ele deitou a cabeça em meu ombro, apontando seus olhos feridos e lacrimejantes para a enfermeira.

Depois que as enfermeiras nos consideraram saudáveis, nos mandaram para outra tenda. Lá, recebemos instruções e a chave de um quarto. Paulie assumiu, conversando com os soldados sobre nosso grupo. Eles não conseguiram manter todos os nossos quartos juntos, mas conseguiram colocar todos nós no mesmo prédio.

Jay estava atrás de mim, com a mão no meu quadril, o polegar percorrendo a fina faixa de pele ali.

De lá, fomos até um caminhão onde nos foram entregues sacolas com suprimentos. Conseguimos cobertores, comida, água e uma pequena quantidade de produtos de higiene pessoal.

Um soldado nos acompanhou até nosso prédio e entregou uma lista de regras. Havia toque de recolher e não deveríamos sair do prédio à noite, a menos que fôssemos instruídos. Havia guardas estacionados em todas as saídas do prédio.

"Todo mundo puxa seu peso. Venha me ver pela manhã e um trabalho será atribuído a você", disse o soldado a Paulie. "Já estamos bem cheios aqui. Você tem sete quartos – faça funcionar."

Ele nos trancou dentro do prédio e outro soldado nos acompanhou até as escadas.

Tínhamos três quartos no segundo andar, um no quarto, um no quinto e dois no último andar.

Em cada andar, Paulie e os outros nos separaram em grupos de quatro. Antes de entrarem em uma sala no segundo andar, Paulie sussurrou algo para os membros do clube. Eles assentiram e então subimos para o próximo andar.

Jay me guiou até uma sala no último andar, e Billy e Dahlia me seguiram para dentro. O quarto tinha duas camas de solteiro e um sofá pequeno. Uma das camas tinha uma colcha rosa, mas a outra estava completamente vazia. Havia pôsteres e pinturas nas paredes e pequenas bugigangas nas cômodas.

Eu olhei em volta. Alguém morou aqui – duas pessoas. O que aconteceu com elas? Eles foram para casa? O quarto deles parecia arrumado como se estivessem com pressa.

"Vou acomodar as meninas com Paulie. Eu volto já." Jay pegou meu queixo e beijou minha testa. Billy suspirou quando fechou a porta atrás de si.

Dahlia sentou-se na cama nua e saltou um pouco.

Estávamos todos quietos.

"Então, conseguimos", eu disse em meio ao silêncio.

"Sim," Billy disse asperamente. Ele olhou entre nós. "Eu não gosto disso."

Eu balancei minha cabeça. "Não parece seguro." Uma zona segura não deveria parecer segura?

"Não creio que nos sentiremos assim por muito tempo", murmurou Billy. Ele foi até o sofá e deitou-se, gemendo.

Durante duas horas, Dahlia e eu vasculhamos a sala. Encontramos algumas roupas femininas e mais alguns produtos de higiene pessoal. Encontramos um conjunto extra de lençóis para a outra cama, mas o sofá só tinha os cobertores finos dos suprimentos. Blue ficaria em uma cama comigo, Dahlia dormiria na outra e Billy insistia em ficar no sofá.

Fizemos uma pequena refeição com os MREs – refeições prontas para comer – que nos foram servidas anteriormente. Deviam ser quase quatro da manhã e eu queria tanto me deitar, mas precisava de um banheiro, e o quarto não tinha.

"Deixe-o comigo," Dahlia murmurou. Ela estava deitada na cama, lendo um livro que encontrou sobre zumbis. Tinha um homem na capa, coberto de maquiagem para fazê-lo parecer um morto-vivo. Será que realmente pensávamos que zumbis eram divertidos há não muito tempo? Olhei para o quadril dela para ver outro sobre um vampiro e tive que reprimir um arrepio. Eu não achava que zumbis fossem possíveis, a ideia de qualquer outra coisa que transformássemos em filmes ou livros saltando para a vida real me dava arrepios.

Coloquei um cobertor ao pé da cama e coloquei o corpo adormecido de Blue do outro lado para que ele não rolasse. "Eu volto já."

Ela assentiu e virou a página, com os olhos já caídos. Eu hesitei. Eu confiei em Dahlia para cuidar de Blue, mas ela dormiu como a analogia: ruim ou não. E se ele rolasse para fora da cama enquanto ela dormia?

"Seremos rápidos", Billy disse calmamente e me puxou até a porta.

No corredor estava silencioso e escuro. As luzes de emergência estavam acesas, mas as sombras pareciam escapar das paredes.

Revistamos o último andar, mas todas as portas estavam trancadas.

Descendo as escadas, encontramos Jay, Paulie e Ren conversando baixinho no quinto andar. Suas expressões eram graves e Ren estava pálido, sua pele bronzeada completamente desbotada. Eu estremei.

"Banheiro?" Billy perguntou a eles quando passamos.

"Eu levo você," Jay murmurou e se separou de Paulie e Ren.

Havia um banheiro comunitário naquele andar e Jay apontou para ele. "O feminino está aberto, mas o masculino está fechado."

Ele seguiu Billy e eu para dentro e usamos os banheiros. Saí e fui para o fundo da sala. Quando avistei os chuveiros, praticamente corri até eles. Girando a maçaneta, a água fria saiu.

"Frio?" Billy perguntou da pia atrás de mim.

"Eu nem me importo," murmurei e peguei a mochila dele. Procurando, encontrei um frasco de sabonete 3 em 1 e uma toalha. Eu também tinha uma legging e uma camisa lilás que encontrei no quarto. Parecia estranho e nojento roubar a calcinha de uma pobre garota, então eu ficava sem ela enquanto lavava a minha.

Os dois caras conversaram baixinho enquanto eu me lavava no chuveiro, eu não consegui fazer ouvir o que eles estavam dizendo acima do som da água, e a cortina bloqueou tudo, menos meus pés.

Eu estava secando meu cabelo com a toalha fina quando saí com meu moletom novo. Parei, olhando entre eles. Billy estava com as mãos na pia e curvado, muito, muito imóvel. "O que está acontecendo?"

Jay veio até mim e puxou a toalha das minhas mãos rígidas. Ele começou a passar pelo meu cabelo enquanto falava. "Chegou no oeste."

Minhas mãos caíram para os lados, dormentes.

"C-como você sabe?" Eu engasguei.

"Paulie. Ele descobriu nos portões."

Afastei-me dele, ficando descalço. Olhei em seus olhos graves e senti meu estômago cair em queda livre. "Quão ruim?"

Jay balançou a cabeça e se aproximou de mim, puxando meu corpo congelado para o dele. Ele não disse nada. Não havia nada a dizer.

Eu tolamente comecei a ter esperança. Pensando que, se conseguíssemos chegar *até aqui*, poderíamos fugir dele. Poderíamos nos esconder disso.

Mas não conseguimos. Era apenas uma questão de tempo até que nos alcançasse novamente.

CAPÍTULO QUATRO

Eu acordei esgotada.

Jay me seguiu de volta ao quarto enquanto Billy tomava banho. Eu estava atordoada demais para fazer qualquer coisa além de apertar Blue contra meu peito e me deitar. Deitei de lado, apenas olhando para a parede, enquanto Jay subia atrás de mim. Seus braços me envolveram e me puxaram de volta para seu peito.

Nenhuma palavra foi dita entre nós e demorei muito para adormecer. Achei que Jay não dormiu nada.

Assim que ela acordou, Dahlia e eu lavamos nossas roupas no banheiro enquanto Blue brincava na água do fundo de um dos chuveiros. Ele riu e soltou bolhas enquanto dirigia a caminhonete de brinquedo que Jay lhe deu através da água.

Pendurei minha calcinha na barra do chuveiro ao lado da minha calça jeans e sorri para ele. Seu cabelo estava espetado por causa da lavagem que dei a ele, e sua barriguinha estava saliente por causa do café da manhã.

Ele se levantou, levantando-se do chão e bateu os pés na água. Agachei-me e mergulhei os dedos na água morna que tivemos a sorte de tirar dos canos esta manhã. Com tantas pessoas no prédio, logo faria frio novamente. Apontei meus dedos para ele e ele gritou quando a água respingou em seu peito.

"Velha," Dahlia resmungou baixinho. "Não estou muito *velha*."

"Tenho certeza de que ele não quis dizer nada com isso, Doll." Sorri para Blue com minhas palavras, e ele bateu as mãos molhadas em meu rosto. "E você está velho."

Dahlia gritou e jogou uma camisa molhada na parte de trás da minha cabeça. "Ele me chamou de veterana!"

Blue gritou novamente e eu ri enquanto a água com sabão escorria pela minha testa.

"Estou perfeitamente *envelhecida*", ela resmungou.

"Então, peça ajuda na cozinha ou algo assim."

"Não sei cozinhar", disse ela, horrorizada.

Dahlia era uma péssima cozinheira, mas apenas porque era louca por saúde. Billy estava sempre reclamando com ela. *Sal, gramas! Onde está o sal? Queijo! Apenas me dê um maldito queijo!*

Olhei por cima do ombro para ela sorrindo. "Bem, você quer tanto um emprego, lavar a louça ou algo assim."

Ela franziu o rosto. "Não, vou deixar o trabalho de cozinha para você, minha querida."

"Você ouviu, Paulie. Eles disseram a ele que precisavam de ajuda em todos os lugares." Levantei-me e peguei uma toalha, de frente para ela. "Você não pode caçar zumbis. Você teria seu rosto comido."

Meu estômago revirou depois que as palavras saíram da minha boca. Era tão, tão errado brincar com algo assim agora. Principalmente porque era uma possibilidade muito real, mas também porque havia muitas pessoas que vivenciaram esse horror recentemente.

Ela olhou para mim e eu balancei a cabeça, pegando Blue na toalha.

Jay nos acordou cedo esta manhã. Paulie queria se encontrar com todos nós. Ele falou com quem estava no comando e encontrou empregos para todos nós. Eu estava na cozinha do Prédio D, enquanto Billy e os rapazes ajudavam a construir o muro que estava sendo erguido ao redor da universidade. Eles precisavam de toda a ajuda que pudessem chegar lá. Mas Dahlia... balancei a cabeça, incrédula. Em algum momento nos últimos dias, ela decidiu que precisava aprender a usar uma arma. Eu não podia culpá-la, mas o soldado que estava com Paulie simplesmente riu dela. No início, Paulie a apoiou e pediu que todos fôssemos treinados, mas o soldado disse que isso era um grande não. Ninguém deveria ter uma arma aqui além de aqueles emitidos pelos militares. Foi então que percebi que Billy não foi o único desarmado – todo o clube foi.

Paulie teria discutido um pouco mais sobre isso, mas o homem perguntou por que Dahlia queria tanto aprender. E a resposta dela? *Para que eu possa caçar os zumbis.*

Isso foi tudo para o homem e Paulie. Os idosos não eram adequados para esse tipo de coisa, ela era velha demais – palavras do soldado, não minhas. Ele poderia tê-la decepcionado um pouco mais facilmente, mas não estava completamente fora de linha. Dahlia tinha perdido a cabeça se pensasse que Billy iria deixá-la ir caçar zumbis. Ela estava lutando ultimamente e mal conseguia se mover rápido o suficiente para fugir de qualquer coisa por mais do que alguns passos.

E por que ela queria? Eu queria estar o mais longe possível dessas coisas. Dahlia não tinha exatamente estado atrás deles nos últimos dias. Fiquei preocupada com as razões pelas quais ela de repente sentiu esse novo desejo de colocar sua vida em risco.

Dahlia e eu penduramos nossas roupas molhadas no quarto. “Preciso de alguém para cuidar de Blue”, murmurei. Paulie disse que havia uma espécie de creche, mas eu não confiava em estranhos para cuidar dele. “Você não pode simplesmente ficar aqui com ele?”

“Eu criei bebês durante toda a minha vida, Willoweed”, foi tudo o que ela disse antes de desaparecer porta afora.

Gemi e sentei na cama para enfiar os pés nas botas. Dahlia tinha vários filhos de merda que não a visitavam. Mas o filho dela, pai de Billy, morreu jovem. Sua mãe desapareceu depois que ele nasceu, então Dahlia criou Billy desde os cinco anos.

Olhei para Blue. “Acho que você magoou os sentimentos dela quando não deixou que ela te abraçasse.”

Blue não gostou nada de Dahlia e rapidamente perdeu o interesse em tentar fazer com que ele fosse até ela.

“Ela não é tão assustadora quanto parece,” eu disse a ele enquanto ele sorria para mim. Suspirei. “Vamos ver o que a pequena Marcy está fazendo.”

Desci as escadas até o terceiro andar e bati na porta onde tinha visto Jan entrar na noite anterior.

“Ei, Willow.” Ela sorriu cansada e acenou para que eu entrasse. Marcy estava murmurando no chão, brincando com um elefante de pelúcia. Sentei Blue ao lado dela. “Precisa de alguém para vigiá-lo?”

Eu olhei para ela. Seu tom de pele morena estava corado e suado, seu cabelo escuro enrolado nas pontas. "Você parece cansada." Eu me senti mal por perguntar a ela. Ela tinha seu próprio bebê para cuidar.

"Estou bem. Goon vai deixar Lacy para me fazer companhia. Ela puxou o cabelo para cima e olhou para mim com ironia. "Não vou deixar Marcy naquele prédio. Paulie disse que querem que eu trabalhe lá, mas Wiley quer dar uma olhada primeiro."

"Eu também." Sorri para Blue enquanto ele segurava minha perna.

"Por que não os assisto aqui hoje, e você pode conferir com Wiley. Paulie disse que eu não conseguiria deixar de ter um emprego, mas preferia saber primeiro como é lá."

Eu balancei a cabeça. "Sim, eu vou deixar você saber. Vou tentar caçar alguns brinquedos e talvez um berço ou algo assim. Vou deixar você saber o que eu encontrar."

"Obrigada," ela respirou. "Estava apertado aqui ontem à noite. Wiley teve que dormir no chão. Ele se mexe muito durante o sono e fica acordando ela."

Ela me abraçou e eu beijei Blue na bochecha antes de sair. Deixá-lo com Jan foi muito melhor do que qualquer outra pessoa. Não sei como isso aconteceu, mas aos poucos comecei a confiar nela. Para ser honesta comigo mesmo, havia algumas pessoas em nosso grupo em quem comecei a confiar. Paulie era realmente o único que ainda me fazia sentir que não pertencia. Todos os outros tinham coisas muito mais importantes com que se preocupar do que eu e o envolvimento da minha mãe com Rick.

Respirei fundo enquanto descia as escadas. Só de pensar em Rick fez isso comigo. Eu não tive a chance de chorar por ele ainda – ou por minha mãe. Nenhum de nós tinha mais tempo para sofrer. Muitas pessoas haviam partido e parecia que isso nunca parava. Como nunca aconteceria.

Alguns soldados me indicaram a direção certa e rapidamente me encontrei na cozinha da universidade.

Gary, um civil, era o 'chefe de cozinha', mas na verdade ele não tinha ideia do que estava fazendo - ele era apenas quem tinha mais experiência, tendo trabalhado em fast food. Preparar refeições para mais de quatrocentas pessoas ao mesmo tempo era muito diferente do que virar algumas dúzias de hambúrgueres.

Sem mencionar que estávamos muito limitados no que estava disponível e quanto poderíamos usar.

Eu tinha perdido a correria do café da manhã, mas na hora do almoço eu estava suado e tinha três lindas bolhas nas mãos. Minhas roupas estavam manchadas demais e eu estava morrendo de fome.

Fiquei na fila de servir, colocando macarrão abaixo da média nos pratos das pessoas enquanto elas chegavam. Olhei para a comida, em parte salivando, em parte com vontade de vomitar. Eu conhecia bem a cozinha - tive que aprender desde cedo graças à minha mãe ausente - mas cozinhar para tantas pessoas e garantir que o sabor fosse bom era incrivelmente difícil.

Mesmo assim, depois de cumprir o primeiro turno, comi um prato de comida e corri para o prédio onde as crianças estavam sendo cuidadas.

Wiley já estava lá quando cheguei. "Como é?" Perguntei a ele, ofegante por causa da corrida. Eu só tinha vinte minutos antes de voltar.

Wiley balançou a cabeça. "Nada mal. Triste." Olhei pela janela da porta e vi duas mulheres mais velhas lendo um livro para cerca de três dúzias de crianças. Suas idades variavam de dois

ou três a dez ou onze anos. Não vi nada de triste nisso. As crianças não pareciam muito extasiadas por estarem ali, mas não era culpa dos cuidadores – as mulheres estavam entusiasmadas e sorridentes. Mas as crianças mais velhas estavam sentadas separadas das mais novas. Eu não sabia o que havia nelas, mas de repente pude entender o que Wiley queria dizer. As crianças mais velhas simplesmente tinham algo, um ar que me pareceu insuportavelmente desolado. Foi então que vi as camas.

"Eles dormem lá?" Havia cerca de quinze camas amontoadas no fundo da sala. Cada berço tinha cobertores e travesseiros e várias pilhas de roupas. "Por que?"

"Estamos sozinhos", uma voz jovem falou lentamente atrás de nós.

Eu me virei. Eu vi um menino encostado na parede do corredor. Ele era magro e alguns centímetros mais baixo que eu. Seu cabelo loiro acinzentado estava quase coberto por um gorro de tricô preto. Ele usava um suéter preto enorme e calça jeans rasgada. Ele fez uma careta para nós dois.

Com os lábios apertados sob a barba, Wiley ergueu as sobrancelhas espessas para o menino.

"Sozinhos? Eles fizeram-?" Comecei a perguntar se todos eles haviam perdido os pais. Deus, isso foi-

O menino riu. "Os pais deles estão mortos", ele acenou com a cabeça em direção à porta. "O meu simplesmente me deixou para trás."

Eu empalideci. Deixou-o para trás?

"Você é de Nova York?" Wiley perguntou. O menino tinha sotaque.

O menino enrijeceu, mas assentiu.

"Qual o seu nome?" Wiley perguntou, afastando-se da porta.

"Liam." Ele ficou ereto, cruzando os braços sobre o peito de menino.

"Quantos anos você tem, Liam?" Eu perguntei, também me afastando da porta.

Ele olhou entre nós. "Doze."

Deus, doze anos e seus pais o abandonaram? "Eles não estão procurando por você?"

Ele estreitou os olhos para mim. "Minha mãe arrumou suas coisas quando atingiu a cidade e partiu. Eu estava no meu quarto."

Engoli o nó na garganta.

"Papai invadiu o bar na estrada. Roubou. Eu não o vi depois disso."

Wiley balançou a cabeça. "É uma merda, garoto."

Liam riu um som seco e sombrio novamente. "Eles eram viciados de qualquer maneira."

Wiley ergueu os braços volumosos, apoiando as mãos nos quadris, olhando para o chão.

Respirei fundo e me aproximei de Liam. "Você sabe onde posso encontrar algumas coisas de bebê?"

"Como o que?" Liam me olhou com desconfiança.

"Alguns brinquedos, um berço ou dois."

Ele assentiu. "Sim, eu sei onde encontrar isso."

"Você pode me mostrar?" Eu perguntei, olhando seu rosto sujo. Quando foi a última vez que ele tomou banho?

Liam pareceu debater em me ajudar, mas ele finalmente assentiu e se virou, acenando para que o seguíssimos.

Nós o seguimos por alguns corredores até que ele parou em frente a outra sala de aula. "Eles ensinaram como ser babá ou algo assim aqui", disse ele e entrou na sala .

Devia ser uma aula de educação infantil porque a sala tinha vários cercadinhos e brinquedos. Parecia o local óbvio para cuidar das crianças, mas o quarto era muito pequeno. Não caberia em todas aquelas crianças. Parecia escolhido, no entanto. A maioria dos livros e brinquedos havia desaparecido, embora alguns ainda estivessem no chão e em latas de lixo.

Arrastei um cercadinho, aliviada por encontrar outro depois de termos perdido o último. Jogando tudo que pude encontrar dentro, olhei por cima do ombro e vi Wiley fazendo o mesmo com outro cercadinho. Liam nos observou da porta.

"Vou levá-los para cima", murmurou Wiley, levantando um dos cercadinhos.

"Peguei", grunhi, tentando levantar o berço lotado.

"Não, eles podem nos dar uma merda por pegar isso. Eu atendo. Wiley levou um dos cercadinhos até a porta. "Deixe aí. Eu voltarei para isso." Ele parou na porta enquanto Liam entrava e saía do caminho. "Obrigado, garoto."

Liam assentiu, olhando para o colete do clube de Wiley.

"Ele está em um MC ou algo assim?" Liam perguntou, olhando para Wiley pela porta.

"Sim, a maior parte do nosso grupo pertence ao mesmo clube."

"Legal," ele grunhiu. "Eles cavalgam?"

Balancei a cabeça, sorrindo com seu entusiasmo. Foi o mais animado que já o vi.

"Você realmente dorme naquele quarto com todas aquelas crianças?"

Liam enrijeceu e olhou para mim. "Sim."

"Sozinho?" Eu empurrei.

Ele estreitou os olhos para mim. "Senhorita Ivy fica conosco."

"Ela está aí agora?" Acenei de volta pelo caminho por onde viemos. Liam caminhou pelo corredor comigo, de volta ao quarto das crianças.

"Sim, aquela de óculos."

Balancei a cabeça pensativamente. Era bom que eles não estivessem sozinhos – pelo menos enquanto dormiam. "Por que você não está lá com eles?"

As crianças mais novas estavam agora cantando uma música, mas as mais velhas ainda estavam sentadas, longe da multidão mais jovem.

"Eu posso cuidar de mim mesmo. Não preciso de babá."

Eu sorri, tentando não fazer uma careta. Ele era tão jovem. "Você quer me dar um mão na cozinha?" Era melhor do que ele ficar sentado sozinho no corredor ou vagando fazendo sabe-se lá o quê.

Ele riu novamente. "Não." Ele estourou a p. "Até mais." Então ele se foi, desaparecendo por uma porta. Suspirei e observei as crianças na sala por mais alguns minutos. Eles definitivamente precisariam de ajuda. Jan era necessário, e a sala tinha dois soldados estacionados do lado de fora e um na porta. Estar perto de outras crianças seria bom para Blue. E, embora eu confiasse em Jan para vigiá-lo, se algo acontecesse, ele estaria muito longe do meu prédio nos dormitórios. Eu seria capaz de chegar até ele mais rápido aqui.

Afastei meus pensamentos nervosos e esperei até que Wiley voltasse para pegar o outro berço antes de voltar correndo para o refeitório.

Estávamos mais seguros aqui do que há dias. Eu não poderia ficar trancada em um quarto, em todos os lugares precisava de ajuda. E ninguém mais estava encolhido no quarto deles. Eu

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Microsoft Word - Thrive (Defy the Rava..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).